

Nas Trilhas da Crítica

de Marcel Proust, tradução de Plínio Augusto Coelho, prefácio de Aguinaldo José Gonçalves, Imaginário/Edusp, São Paulo, 1994.

Maria Marta Pereira Oliveira
Professora de Francês, UFSC

Ultimamente, evidencia-se um crescimento do interesse pela obra de Marcel Proust. O leitor brasileiro esperou mais de trinta anos para ler em tradução os volumes de *Em Busca do Tempo Perdido*, publicados na França de 1913 a 1927 e traduzidos no Brasil de 1948 a 1956 pela Editora Globo. Outros tantos anos aguardou para travar contato com a tradução dos demais textos proustianos, pois somente em 1982 *Jean Santeuil* foi publicado pela Editora Nova Fronteira. No entanto, o ritmo acelerou-se. Em 1988, *Contra Sainte-Beuve* foi editado pela Iluminuras; *Albertina Desaparecida*, na última versão revista pelo autor, saiu pela Nova Fronteira em 1989 e quatro textos críticos foram publicados recentemente pelas Editoras Imaginário/Edusp.

Os princípios expostos nos textos críticos de 1909, publicados com o título *Contra Sainte-Beuve*, são retomados e aprofundados nestes quatro ensaios de *Nas Trilhas da Crítica*: os artigos sobre Flaubert (1920) e sobre Baudelaire (1921), publicados na *Nouvelle Revue Française* e os prefácios dos livros de Jacques-Émile Blanche (1919) e de Paul Morand (1920). Tais ensaios nos chegam traduzidos por Plínio Augusto Coelho e introduzidos por excelente prefácio de Aguinaldo José Gonçalves que tanto aponta ao leitor aspectos de estrutura e conteúdo dos textos traduzidos, como chama a sua atenção para pontos fundamentais do pensamento estético de Proust.

Para o escritor francês, a reflexão sobre a crítica ocorreu antes da redação de seu romance e foi condição indispensável para que este fosse escrito. Logo, a atividade crítica foi fundamental e integrou-se posteriormente ao próprio romance.

Os textos que compõem *Nas Trilhas da Crítica* contêm os princípios críticos básicos de Proust e inúmeras referências a *Em Busca do Tempo Perdido*, retomando muitas de suas análises e justificando sua composição. Entre outras argumentações, Proust volta a afirmar que o “eu” social e o “eu” criador são diferentes, um não explica o outro, por isso a crítica biográfica tende a equivocarse. Proust foi ele mesmo vítima deste tipo de crítica e tenta

assim prevenir situações como as que afetaram a recepção de sua obra.

No prefácio que faz ao livro de Jacques-Émile Blanche sobre a pintura - *Propos de peintre. De David a Degas* - ao falar demoradamente sobre episódios da infância e da adolescência que ambos teriam vivenciado em Auteuil, Proust critica sutilmente (e nem tanto!) a forma como o próprio Blanche apresentou seus pintores, enfatizando o homem e não as obras. No prefácio, Proust esboça aspectos de uma crítica que só recentemente foi desenvolvida pela “Estética da Recepção” de Jauss. Segundo ele, o artista original pode ser ignorado pelo público por um mal entendido difícil de evitar, resultado de uma visão viciada pelas obras do passado. Porque tende a abalar os esquemas artísticos estabelecidos, o artista novo é muitas vezes incompreendido de início. Outras vezes, o artista que o tempo consagra não é aquele que quis ser revolucionário, mas que de fato o foi. Então, com o passar do tempo, ele se torna um “clássico”.

O segundo texto é a resposta de Proust a um artigo do consagrado crítico Thibaudet sobre o estilo de Flaubert, publicado na *Nouvelle Revue Française*. São observações colocadas ao fluir do pensamento, sem consulta aos livros comentados, que Proust cita de memória. No desenrolar das idéias, ele revela como entende a criação artística e no que consiste a sua noção de “estilo” de um autor. A qualidade da língua empregada numa obra literária e a originalidade são aspectos que tornam “clássico” um escritor. E é assim que ele vê a obra de Flaubert, como a de um gênio gramatical, que soube inovar na sintaxe. Ilustra sua afirmação com o uso do Imperfeito do Indicativo, que Flaubert emprega para marcar um estado que se prolonga, assim como o emprego pouco usual do “e” como indicador rítmico e não lógico, e de adjetivos pesados que servem para preencher lacunas nas frases.

O texto escrito para o livro de Paul Morand - *Tendres Stocks* - começa pretendendo ser de fato um prefácio, mas Proust logo se desculpa, dando como justificativa a presença da morte, que o atormenta, e o dever de responder a um artigo de Anatole France onde este rejeita a singularidade no estilo. Como os demais, o texto revela acima de tudo os princípios estéticos de Proust.

O último texto traduzido é uma carta dirigida a Jacques Rivière, diretor da *Nouvelle Revue Française*, que havia solicitado a Proust um estudo sobre Baudelaire. O artigo trata de Baudelaire, mas trata também de Victor Hugo, Vigny, Musset, Racine, Sully Prudhomme, Leconte de Lisle, sem falar das constantes e sempre ácidas referências a Sainte-Beuve. Este texto é mais objetivo que os anteriores porque analisa o estilo deste ou daquele poeta, mostrando no que consiste a originalidade ou o “valor poético” de um e de outro. De cada autor, Proust cita versos ruins ao lado

dos que considera bons, assinalando pontos fracos e fortes da mesma obra. Assim, Baudelaire é para Proust o maior poeta do século XIX, embora não seja dele, mas de Victor Hugo, o poema que considera mais bonito. Se, mesmo sem ter sido reconhecido imediatamente, Baudelaire tornou-se um “clássico”, um novo Racine, foi porque traduziu pelo seu estilo uma visão própria do mundo.

As idéias apresentadas nos quatro textos são retomadas no último volume de *Em Busca do Tempo Perdido - Le Temps retrouvé* - onde Proust expõe seus princípios estéticos. Logo, não se leia tais textos visando exclusivamente conhecer os livros de Jacques-Émile Blanche e Paul Morand ou os estilos de Flaubert e de Baudelaire, mas sobretudo para melhor compreender o esteta Proust, pois estes são “faróis” que iluminam sua obra maior.